

SÉRIE DE SELOS “MULHERES BRASILEIRAS QUE FIZERAM HISTÓRIA”: CRIAÇÃO DE NOVA MEMÓRIA E FONTE HISTÓRICA

“BRAZILLIAN WOMEN WHO MADE HISTORY” STAMPS SERIES: CREATION OF A NEW MEMORY AND HISTORICAL SOURCE

*SERIE DE ESTAMPILLAS “MUJERES BRASILEÑAS QUE HICIERON HISTORIA”:
CREACIÓN DE NUEVA MEMORIA Y FUENTE HISTÓRICA*

Núbia Kalichak da Silva Eduardo¹
Mariana Bonat Trevisan²

Resumo

Este artigo nasceu após a emissão de uma série de selos postais especiais no Brasil, em 2019, que tinha o propósito de consagrar algumas mulheres. Gerando questionamentos possíveis, o trabalho se inicia pela análise da história do selo, passa pelo estudo de fontes e da memória, segue para a história das mulheres representadas e finaliza com os significados intrínsecos à série. Dessa forma, os objetivos foram (a) refletir sobre como e por que a série analisada pode constituir uma produção de memória e fonte para o estudo da história brasileira; (b) examinar a história do selo postal e as personalidades destacadas, e por qual motivo seriam representativas; (c) investigar os significados sociais, culturais e históricos da série. Utilizou-se, para a construção deste artigo, a pesquisa bibliográfica como fundamentação metodológica, com abordagem qualitativa, de cunho exploratório. Foi possível identificar, ao longo da pesquisa, que a memória pode ser construída com base nos questionamentos do presente, não é fixa e responde às necessidades de uma sociedade, de setores públicos e privados. A série analisada correspondeu a uma demanda, trouxe como temática a representação de algumas mulheres brasileiras tidas como exemplares. Suas trajetórias mostram as suas atuações na sociedade brasileira e reacendem o debate sobre a História das Mulheres, o feminismo e a mudança na temática dos selos postais ao longo do tempo. A série de selos postais analisada transforma-se em vestígio humano, eterniza mulheres excepcionais. Os selos, como objetos, guardarão a memória e poderão ser recuperados um dia como fontes para a história.

Palavras-chave: social; cultural; pluralidade; feminino; historiografia.

Abstract

This paper arose after the issue of a series of special postage stamps in Brazil in 2019, which had the purpose of consecrating some women. Generating possible questionings, the work starts by analyzing the history of the stamp, goes through sources and memory study, then to the history of the women represented and ends with the series' intrinsic meanings. Thus, the objectives were (a) to reflect on how and why the series can constitute a production of memory and a source for the study of Brazilian history; (b) to examine the postage stamp history and the personalities featured, and why they are representative; (c) to investigate the social, cultural and historical meanings of the series. This article is based on bibliographical research, with a qualitative, exploratory approach. It was possible to identify, throughout the research, that memory can be built based on the questions of the present, it is not fixed and responds to society needs, of public and private sectors. The series analyzed corresponded to a demand and brought as a theme the representation of some Brazilian women considered exemplary. Their trajectories show their performances in Brazilian society and rekindle the debate about Women's History, feminism, and the change in the theme of postage stamps over time. The series becomes a human vestige, eternalizing exceptional women. The stamps, as objects, will keep memory and may one day be recovered as sources for history.

Keywords: social; cultural; plurality; feminine; historiography.

Resumen

¹ Bacharel em História pelo Centro Universitário Internacional – Uninter. E-mail: nubiakalichak@outlook.com

² Professora no Centro Universitário Internacional – Uninter, doutora em História pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: mariana.t@uninter.com.

Este artículo nació luego de la emisión de una serie de estampillas postales especiales en Brasil, en 2019, que tenía el propósito de homenajear algunas mujeres. Estimulando posibles interrogantes, el trabajo inicia con el análisis de la historia de la estampilla, pasa por el estudio de fuentes y de la memoria, sigue con la historia de las mujeres representadas y finaliza con los significados intrínsecos a la serie. De esa forma, sus objetivos fueron (a) reflexionar sobre cómo y por qué la serie analizada puede constituirse en producción de memoria y fuente para el estudio de la historia brasileña; (b) examinar la historia de la estampilla postal y las personalidades destacadas, y por qué motivo ellas serían representativas; (c) investigar los significados sociales, culturales e históricos de la serie. Se utilizó, para la construcción de este artículo, la investigación bibliográfica como fundamento metodológico, con acercamiento cualitativo de orden exploratorio. Fue posible identificar, a lo largo de la investigación, que la memoria puede ser construida sobre la base de las cuestiones del presente, no es fija y responde a las necesidades de una sociedad, de sectores públicos y privados. La serie analizada corresponde a una solicitud, trajo como temática la representación de algunas mujeres vistas como ejemplos. Sus trayectorias muestran sus acciones en la sociedad brasileña y reavivan el debate sobre la Historia de las Mujeres, el feminismo y el cambio de temática en las estampillas postales a lo largo del tiempo. La serie de estampillas postales analizada se transforma en huellas humanas, hace eternas mujeres excepcionales. Las estampillas, como objetos, preservarán la memoria y podrán ser recuperadas algún día como fuentes para la historia.

Palabras-clave: social; cultural; pluralidad; femenino; historiografía.

1 Introdução

Em 2019, os Correios do Brasil emitiram uma série de seis *selos postais especiais*. A série em questão se propunha homenagear mulheres, sob o título de *Mulheres Brasileiras que Fizeram História*. Dado o fato, alguns questionamentos surgiram e motivaram esta pesquisa, principalmente quando se tem notícia de que em pleno século XXI mulheres permanecem sofrendo abusos dos mais diversos tipos, além de enfrentarem crimes hediondos, que mancham a história brasileira.

Tais questionamentos foram: “Por que a série de selos postais *Mulheres Brasileiras que Fizeram História* pode ser reconhecida como uma produção de memória e fonte histórica?”; “Quais personalidades foram destacadas e por que elas seriam representativas?”; “Qual o lugar da produção dessa série em seu contexto, bem como seus significados sociais/culturais/históricos?”.

Logo, o presente estudo busca analisar os seis selos, baseando-se em estudos bibliográficos acerca das relações entre história, memória, fontes históricas, estudos de gênero, biografias, representações femininas e identidades. Buscou-se assim responder aos problemas pontuados anteriormente, com uma abordagem de pesquisa qualitativa exploratória.

O trabalho se inicia com uma pesquisa sobre o que é o selo postal, qual sua função, onde começou sua história e o que é especificamente o *selo especial*. Em seguida, analisa-se por que os selos postais constituem fontes históricas e uma produção iconográfica formadora de memória social. Posteriormente, examinam-se as personalidades destacadas na série, verificando as suas trajetórias de vida e por que razão se tornaram representativas. Por fim, faz-se uma análise do significado social, cultural e histórico da criação da série.

2 A história do selo postal

O selo postal surgiu na Inglaterra em 1840. Até aquele ano a correspondência que era entregue pelo mundo deveria ser paga por quem a recebia, e não por quem a enviava. Entretanto, muitas correspondências eram negadas, pois o destinatário não possuía o valor a ser pago. Então, o professor inglês Rowland Hill propôs uma reforma postal ao governo da Inglaterra. Dali nasceria o selo postal que marcaria as correspondências e mostraria que tal objeto poderia ser entregue, uma vez que foi pago pelo remetente e não mais pelo destinatário. A imagem da cabeça da Rainha Vitória de perfil foi a primeira ilustração a estampar um selo (ALTMAN, 2021).

Já no Brasil, os três primeiros selos postais foram lançados em 1º de agosto de 1843. Os Correios do Império emitiram os *Olhos-de-Boi*, nome dado a esses primeiros tipos de selos brasileiros. Cada um dos selos tinha como imagem “a cifra, sem coloração e com pequenos detalhes estéticos (números ornamentais) e, também, um fundo arabescado preto em forma elíptica” (SALCEDO, 2010, p. 89-90).

Ao longo do tempo, no Brasil, os selos foram ganhando novas representações, com imagens e não só uma numeração, como em o *Olho-de-Boi*. Atualmente, é possível encontrar selos de tipo comemorativo, especial, mídia e regular. Neste trabalho focaliza-se o selo *especial*, pois é nesta modalidade que se enquadra a série analisada. Assim, *selo especial* é todo aquele que não se conecta às datas comemorativas, com tiragem limitada, que expõe tema relativo ao interesse da sociedade no período de seu lançamento, e produz impacto. A Comissão Filatélica Nacional (CFN) seleciona o motivo exibido, porém é o presidente da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) quem valida a escolha e o Ministro das Comunicações quem a homologa (CORREIOS, 2021).

Ou seja, o selo postal surgiu com duas funções: uma administrativa, para regular o serviço de pagamento versus entrega; e outra, mais subjetiva, através da representação de imagens variadas, que podem ou não exprimir poderes e intenções diversas. É possível ver em Scott (1997, p. 735 apud SALCEDO, 2010, p. 89), que o selo postal possui uma "densidade ideológica, por centímetro quadrado, maior que qualquer outra forma de expressão cultural midiática".

2.1 O selo como fonte para a história e material de memória

O que é uma fonte histórica? Frizzo (2019, p. 37) diz que não importa o período estudado, “as fontes são sempre partes incompletas e fragmentadas da totalidade”; o que Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 11, n. 33, p. 75-90, 2022

dificulta a situação do historiador é que “as mesmas peças podem ser encaixadas em lugares diferentes, gerando imagens distintas sobre o passado”.

Porém, a compreensão sobre as fontes nem sempre foi essa. Aqui faz-se necessário falar sobre a escrita da história, a historiografia, ou, de forma simplificada, a “história da história” (uma vez que ela se conecta diretamente às mudanças de abordagem sobre as fontes históricas). A sistematização da historiografia teve início no século XIX, com três pressupostos principais sobre a prática histórica: o historicismo alemão, o positivismo do francês Auguste Comte e a história cientificista nascida nos Estados Unidos. As três formas de escrever sobre a história tinham como noções gerais em comum: a objetividade do historiador; a busca por uma verdade histórica; e a análise de fontes como embasamento. Sobre as fontes, Marczal (2016, p. 45-46) pontua:

Os moldes sobre os quais a historiografia se desenvolveu ao longo do século XIX, [...] também incorreram em uma restrição importante quanto aos vestígios pertinentes à investigação histórica. O cuidado com os documentos, sua autenticação e legitimação, preocupava os historiadores ao ponto de negar a uma série de materiais o *status* de fonte histórica. Em acordo com os parâmetros de uma disciplina metodologicamente severa, [...] a atenção documental se voltava para os **registros escritos do passado**. Mas não registros de qualquer tipo; apenas aqueles de **caráter oficial**, identificados por alguma personalidade ou instituição idônea e reconhecível, como o Estado ou a Igreja, e devidamente armazenados nos mais variados arquivos ou bibliotecas.

Conforme descrito, muitos materiais não eram utilizados pois não cabiam no *status* de fonte histórica para a época. Fontoura (2016, p. 39) afirma que “a expansão do conceito de fonte histórica está relacionada à ampliação do próprio conceito de história”. A partir dos historiadores do início do século XX, há uma defesa de que os elementos analisados pela história poderiam ser todos aqueles que compõem a sociedade humana, não apenas aqueles conectados à política e aos governos diversos. Daquele momento em diante, “todos os vestígios humanos puderam ser tratados como fontes: pinturas, fotografias, revistas, jornais; objetos de uso cotidiano; habitações; cartas e diários; textos literários e jurídicos; canções [...]” (FONTOURA, 2016, p. 39).

Porém, é fundamental frisar que “por mais que tudo que o homem tenha manipulado possa ser, de certa forma, encarado como documento, também não podemos fazer história com um pedaço de cadeira, por exemplo” (SANTOS, 2016, p. 71). Ou seja, a fonte analisada precisa ter em si memórias do passado que se busca, precisa ter características relevantes que respondam algo às perguntas do presente.

Portanto, é totalmente aceitável considerar os *selos postais como fontes históricas*. Como tratado no primeiro capítulo, os selos não têm apenas a função de regulamentação do

serviço de entrega, eles trazem consigo imagens com representações diversas, que se modificam ao longo do tempo e espaço em que são emitidos. Trazem assim informações, características e memórias, que podem responder aos questionamentos atuais. “Cabe a nós, historiadores, decifrarmos, então, a imagem e suas relações de produção imaginária, ou seja, tentar compreender os motivos que levaram o produtor da imagem a fazê-la daquela maneira [...]” (SANTOS, 2016, p. 113). O historiador Santos ainda completa a sua explicação, “[...] tendo em vista que a imagem é definida muito mais culturalmente do que tecnicamente.” (SANTOS, 2016, p. 113).

Compreendida a noção de fonte, e, principalmente, do selo como fonte para a história, é preciso entender agora a memória. Para Michael Pollak, os fatores que compõem a memória, tanto individual quanto coletiva, são aqueles vivenciados pessoalmente e aqueles *vividos por tabela*, que seriam “acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 201). Ou seja, a memória de um indivíduo é constituída por experiências particulares e por experiências coletivas, não havendo obrigatoriamente a necessidade de ter vivido o acontecimento; seria como uma herança de memórias que se agregam ao longo do tempo.

Além disso, tanto para a memória individual quanto para a coletiva, Pollak (1992) afirma que a memória é seletiva, é um fenômeno construído e é um fator que integra o sentimento de identidade. É *seletiva* pois escolhe aquilo que impacta mais na vida do indivíduo e na sociedade que o comporta; é impossível lembrar de tudo e é possível embaralhar informações importantes que parecem fazer parte de um mesmo momento. É um *fenômeno construído*, já que ela pode ser organizada e reorganizada conforme as preocupações do presente; ela é elaborada em detrimento do que os questionamentos do momento pedem que seja lembrado ou esquecido. O que a memória do indivíduo “grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204). É um *elemento do sentimento de identidade*, pois ao longo da vida o ser humano constrói para si e para os outros uma imagem de si próprio e essa construção é pautada por memórias que se carregam como herança e que se criam ao longo do tempo; as memórias mantêm a continuidade e a coerência de uma pessoa.

Dessa forma, é possível compreender que a memória não é um elemento fixo, que se mantém inalterado, que possui um começo, meio e fim bem definidos. A memória pode ser até mesmo herdada. Então, pessoas e acontecimentos que antes não faziam parte de uma memória coletiva, podem passar a fazer, bem como podem desaparecer dessa memória que se transmite

através dos tempos. Tudo depende do que os questionamentos do presente demandam, gerando a busca no passado e em suas memórias. Já os historiadores Scarpim e Trevisan (2018, p. 61) dizem que “todo documento ou fonte histórica carrega uma memória (coletiva ou individual) de um tempo vivido”, e completam que essas memórias “presentes nos testemunhos escritos, orais, iconográficos e sonoros são fontes para a história tão importantes e significativas quanto o mais objetivo registro notarial”.

Logo, os selos, além de poderem ser percebidos como *fontes para a história*, devido às imagens que ultrapassam os objetivos administrativos e burocráticos, também podem ser vistos como *material de memória*. Porque a imagem ali representada pode lembrar ou relembrar um ser humano, um acontecimento ou um fato, que responde a uma indagação do presente, marcando no tempo e espaço a representação de uma memória.

2.2 A história das mulheres representadas na série de 2019

O *primeiro selo* postal dessa série especial, *Mulheres Brasileiras que Fizeram História*, lançado em 23 de julho de 2019, representou a cantora, intérprete e compositora Elza Soares. Nascida no Rio de Janeiro, possivelmente em 1937, de uma família pobre, composta por seu pai operário e sua mãe lavadeira. Com uma história de vida longa e cheia de altos e baixos, Elza não revelava sua idade exata; há prováveis datas de nascimento, mas o percurso extenso já mostra que não lhe falta experiência na música e na vida. Devido a muitas inconsistências sobre a história da cantora, em 2018, o autor Zeca Camargo lançou uma biografia sobre o ícone, em grande parte graças à história oral recolhida por meio de entrevistas à própria biografada, entre outras pesquisas. Sobre essa biografia, Nahima Maciel (2018, n. p.) pontua:

Menina, foi obrigada pelo pai a casar-se aos 13 anos porque ele achou que uma briga com um menino havia resultado em estupro. Elza jura que nada aconteceu, a não ser a briga em si. Mas ela casou-se. Não se interessava por fazer sexo, mas fazia porque era obrigada. Perdeu dois filhos desse primeiro casamento e outro da união com Mané Garrincha. Sofreu com violência doméstica e, quando menina, se assustou quando ouviu de São Jorge, no que ela chama de aparição, que apanharia mais da vida do que do pai.

Com relação à música houve sempre a reinvenção, e o caminhar para além do samba. Na Enciclopédia Itaú Cultural (2019) é possível conferir que:

Elza é pioneira no Brasil, do scat-singing — técnica de improviso vocal do jazz que consiste em empregar, aleatoriamente, sílabas sem sentido textual, combinadas com sons, característica de cantores como Louis Armstrong (1901-1971). Este recurso faz com que Elza transcenda a estrutura do samba e dê lugar a fraseados jazzísticos. Por

tal razão, atribui-se à cantora o epíteto de “a bossa negra”, subtítulo de seu álbum de estreia, produzido por Aloysio de Oliveira (1914-1995) (ELZA..., 2019).

Mais recentemente, em 2015, Elza lançou o disco *A mulher do fim do mundo*, o primeiro de sua carreira inédito do começo ao fim. Considerado um dos melhores discos daquele ano no Brasil, “fala-se de sexo, da sobrevivência de um travesti, da *quebrada*, de música, de violência machista ou da morte com um delicioso ritmo que transita entre o samba, o rock e o rap” (MARTÍN, 2015, n. p.). A primeira música do álbum, cantada *a capella*, é um poema do modernista Oswald de Andrade, chamado Coração do Mar. Poema que conjura o transporte de homens e mulheres negras por navios e o decorrente sofrimento.

O *segundo selo* postal especial trouxe a esportista, cheia de conquistas no basquete, Hortência de Fátima Marcari:

Maior cestinha da seleção brasileira feminina de basquete, com 3.160 pontos, ela ostenta um título de campeã mundial (1994), uma medalha de ouro em Jogos Pan-Americanos (Havana, em 1991) e uma prata — que vale ouro, sobretudo depois de ter voltado ao esporte depois de dar à luz — em Jogos Olímpicos (Atlanta, em 1996). [...] em 2018, uma nova honra. Em eleição da Federação Internacional de Basquete (FIBA), aberta ao público, Hortência foi eleita a melhor jogadora da história em Mundiais da categoria. Ela foi eleita com 85% dos votos e concorreu ao lado de outras lendas, como a australiana Lauren Jackson, a segunda mais votada (HORTÊNCIA FAZ..., 2019).

Hortência nasceu em 23 de setembro de 1959, em Potirendaba, São Paulo; começou no São Caetano Esporte Clube em 1973. Já em 2016, “recebeu a tocha olímpica de Gustavo Kuerten (o Guga) no Estádio do Maracanã e a entregou a Vanderlei Cordeiro de Lima, que acendeu a pira olímpica na abertura dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro” (MICHELETTI, 2020). Maria Fonseca, em 15 de agosto de 2019, relata:

Hortência é exemplo de determinação e garra para as mulheres de todas as gerações. Sua história inicia com a necessidade de vencer os desafios próprios de criança pobre, que vê no esporte a chance de sobrevivência e de uma vida digna. [...] Atualmente, Hortência é empresária, palestrante e participa de programas de televisão, mostrando que talento e determinação devem ser propagados para o bem de todos. O selo postal especial desta Série, dedicado à Hortência, representa Medalha de Ouro para a Filatelia brasileira e o agradecimento da Nação à Rainha do Basquete Brasileiro, que ousou fazer História, elevando o Brasil ao pódio do Basquetebol Mundial (FONSECA, 2019b, n. p.).

O *terceiro selo* da série, emitido em 19 de setembro de 2019, representa uma grande apresentadora brasileira, Hebe Camargo. A apresentadora, que nasceu com o desejo de cantar, mas seguiu pelo caminho da apresentação na televisão brasileira, faleceu em 29 de setembro de 2012, aos 83 anos:

Hebe nasceu no interior do estado de São Paulo, na cidade de Taubaté, no ano de 1929. Iniciou sua carreira como cantora de rádio na década de 1940. Na Rádio Tupi, em 1950, lançou suas primeiras canções “Oh! José” e “Quem Foi que Disse”. Já conhecida como “A estrela de São Paulo”, a principal artista do rádio da cidade atuou decisivamente na criação da primeira rede de televisão brasileira, a Rede Tupi. Convidada por Assis Chateaubriand, participou da primeira transmissão ao vivo da televisão brasileira, em São Paulo. [...] Em 1955, Hebe apresentou o primeiro programa feminino da TV brasileira, “O Mundo é das Mulheres”, dirigido por Walter Forster. [...] Em 1966, após afastar-se da televisão por causa do nascimento de seu filho, retorna com o programa “Hebe”, que ficou no ar por mais de 40 anos, percorrendo várias emissoras (MARQUEZ, 2019, n. p.).

Após seu falecimento, foi possível identificar outras produções materiais como filmes, exposições em museus, musicais, seriados e biografias sobre Hebe. Todos em uma tentativa, às vezes controversa e rejeitada pela família da apresentadora, de representar alguém que marcou o rádio, a televisão, a moda e o jeito de se transformar em uma carreira profissional. O diretor de sua cinebiografia — lançada em 26 de setembro de 2019, *Hebe: A Estrela do Brasil* —, Maurício Farias, afirma em um encontro com a imprensa:

“[...] Uma das grandes lições que a Hebe deixou para o filme é que ela era uma mulher de diálogo”, explicou o diretor. “Ela passou a vida fazendo entrevistas, e recebia em seu sofá do (cartunista) Henfil ao (deputado) Paulo Maluf, da travesti ao general. Ou seja, ela se propunha ao diálogo, conversar com o outro, aprender e não tinha vergonha de mudar de opinião ou posição. E ela terminou aplaudida de pé no programa Roda Viva, onde enfrentou as perguntas mais preconceituosas” (ALMEIDA, 2019, n. p.).

O filme foi muito elogiado, mas, ao mesmo tempo, apontado como parcialmente mentiroso por integrantes da família e círculo de convivência da apresentadora. O que o diretor e a roteirista do filme explicaram é que não tentaram fazer uma cópia fiel da pessoa, e sim uma representação. Mas há cenas e pontos trazidos na trama que são verídicos. Como o posicionamento complexo de uma mulher, ao mesmo tempo progressista e conservadora, que se postava incisiva em uma época de transição política ainda com censura. Carolina Kotscho a roteirista, aponta isso em roda de imprensa:

“A briga com a censura foi ideológica, a água chegou e bateu na canela dela. Era como ela dissesse: 'Meu programa não, quero falar o que quero'. Foi quando ela entendeu que a ditadura não era legal, era alguém querendo controlar o que ela poderia dizer” [...] a ação do filme concentra-se na segunda metade dos anos 1980, nos primeiros anos de redemocratização do país. “Para mim, esse é um momento em que a gente melhor se conecta com a Hebe. É um momento de explosão, de transformação, quando ela deixa de ser uma boneca no palco. É o momento em que ela não se contém mais e entende a responsabilidade de ser uma mulher com um microfone na mão e o desafio que era isso naquele momento” (ALMEIDA, 2019, n. p.).

O *quarto selo* da série representa Carolina Maria de Jesus (Sacramento/MG, 14 de março de 1914, São Paulo/SP, 13 de fevereiro de 1977) e foi lançado em 4 de outubro de 2019.

[...] filha de pais analfabetos. Foi maltratada durante a infância, mas aos sete anos frequentou a escola — em pouco tempo, aprendeu a ler e escrever e desenvolveu o gosto pela leitura. Em 1937, após a morte da mãe, ela mudou para São Paulo. Aos 33 anos, desempregada e grávida, mudou-se para a favela do Canindé, na zona norte da capital paulista. Trabalhava como catadora de papel e, nas horas vagas, registrava o cotidiano da favela em cadernos que encontrava no material que recolhia. Um destes diários deu origem a seu primeiro livro, *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*, publicado em 1960. A obra virou *best-seller*, foi vendida em 40 países e traduzida para 16 idiomas. A escritora nunca quis casar e teve três filhos, cada um de um relacionamento diferente. Morreu em fevereiro de 1977, aos 62 anos, de insuficiência respiratória (MARASCIULO, 2019, n. p.).

Carolina naquela época já acionava algo muito comum neste século e que vem sendo discutido em diversos momentos, o *lugar de fala*: “[...] a escritora há mais de sessenta anos, já praticava em seus registros o conceito de lugar de fala, ou seja, a legitimidade para falar de assuntos sem mediação externa, protagonizando sua própria história e questões” (COSTA, 2020, n. p.). Conceição Evaristo, escritora, também afirma que “poderíamos considerar Carolina Maria de Jesus como a primeira escritora brasileira que escreve a partir de uma experiência pessoal e vivência para criar a sua obra” (COSTA, 2020, n. p.).

O *quinto selo*, emitido em 01 de novembro de 2019, representou Maria da Penha Maia Fernandes. Uma farmacêutica bioquímica que nasceu em Fortaleza, Ceará, em 01 de fevereiro de 1945. Maria teve sua história conhecida em todo o Brasil, e até mesmo internacionalmente, devido a uma tragédia que a deixou em uma cadeira de rodas. Seu marido na época, Marco Antonio Heredia Viveros, atentou contra a sua vida. Eles se casaram em 1976; no início tudo parecia completamente normal, mas depois vieram as agressões:

[...] começaram a acontecer quando ele conseguiu a cidadania brasileira e se estabilizou profissional e economicamente. Agia sempre com intolerância, exaltava-se com facilidade e tinha comportamentos explosivos não só com a esposa, mas também com as próprias filhas. [...] No ano de 1983, Maria da Penha foi vítima de dupla tentativa de feminicídio por parte de Marco Antonio Heredia Viveros. Primeiro, ele deu um tiro em suas costas enquanto ela dormia. Como resultado dessa agressão, Maria da Penha ficou paraplégica devido a lesões irreversíveis [...] constam-se ainda outras complicações físicas e traumas psicológicos. No entanto, Marco Antonio declarou à polícia que tudo não havia passado de uma tentativa de assalto, versão que foi posteriormente desmentida pela perícia. Quatro meses depois, quando Maria da Penha voltou para casa — após duas cirurgias, internações e tratamentos —, ele a manteve em cárcere privado durante 15 dias e tentou eletrocutá-la durante o banho (QUEM É..., 2018, n. p.).

A família e amigos de Maria ficaram cientes das atitudes do agressor e de seus passos para tentar encobrir o ataque, além de várias atitudes controversas. Então, ajudaram-na, juntamente com o apoio jurídico, para que ela saísse de casa sem perder a guarda das filhas. Infelizmente, teve que sofrer uma nova violência, agora partindo do Poder Judiciário.

[...] O primeiro julgamento de Marco Antonio aconteceu somente em 1991, ou seja, oito anos após o crime. O agressor foi sentenciado a 15 anos de prisão, mas, devido a recursos solicitados pela defesa, saiu do fórum em liberdade. [...] O segundo julgamento só foi realizado em 1996, no qual o seu ex-marido foi condenado a 10 anos e 6 meses de prisão. Contudo, sob a alegação de irregularidades processuais por parte dos advogados de defesa, mais uma vez a sentença não foi cumprida. O ano de 1998 foi muito importante para o caso, que ganhou uma dimensão internacional. Maria da Penha, o Centro para a Justiça e o Direito Internacional (CEJIL) e o Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM) denunciaram o caso para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (CIDH/OEA). Mesmo diante de um litígio internacional, o qual trazia uma questão grave de violação de direitos humanos e deveres protegidos por documentos que o próprio Estado assinou, [...] o Estado brasileiro permaneceu omissivo e não se pronunciou em nenhum momento durante o processo. Então, em 2001 e após receber quatro ofícios da CIDH/OEA (1998 a 2001) — silenciando diante das denúncias —, o Estado foi responsabilizado por negligência, omissão e tolerância em relação à violência doméstica praticada contra as mulheres brasileiras. [...] Após muitos debates com o Legislativo, o Executivo e a sociedade, o Projeto de Lei n. 4.559/2004 da Câmara dos Deputados chegou ao Senado Federal (Projeto de Lei de Câmara n. 37/2006) e foi aprovado por unanimidade em ambas as Casas. Assim, em 7 de agosto de 2006, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a lei n. 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha (QUEM É..., 2018, n. p.).

Além da lei com o seu nome, o Estado do Ceará pagou-lhe uma indenização, pois a CIDH indicava que ela deveria receber os reparos material e simbolicamente. Maria da Penha continua lutando em prol dos direitos das mulheres; atua por meio do Instituto Maria da Penha (IMP), de palestras, de entrevistas e, principalmente, do diálogo com vários setores da sociedade. Trabalha no sentido de fazer a lei ser aplicada corretamente, em sua totalidade, mesmo quando projetos de lei tentam atenuar a que traz o seu nome.

O *sexto e último selo*, lançado em 04 de dezembro de 2019, representa Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa (Rio Negro/PR, 20 de abril de 1908, São Paulo/SP, 03 de março de 2011). Única mulher no Brasil a alcançar o título de *Justa entre as Nações* (1982), recebido de Israel, pelo auxílio aos judeus durante o regime nazista (ARAÚJO, 2020).

Aracy tinha mãe alemã e pai brasileiro, casou-se em 1927, mas em cinco anos se separou já tendo um filho; mudou-se para a Alemanha e em 1936 passou a trabalhar em Hamburgo, como chefe da Seção de Passaportes do Consulado do Brasil (1936 a 1942); Aracy ignorou que o governo de Getúlio Vargas, através da Circular Secreta 1.127, restringia a vinda de judeus ao Brasil e emitia mesmo assim os vistos sem assinalar nos papéis (com a letra J) a identificação de que eram pedidos judeus, permitindo que a papelada fosse assinada e essas pessoas chegassem com vida aqui (FONSECA, 2019a).

Para Mônica Schupun — em entrevista à BBC News Brasil em 2020 —, professora do Centro de Pesquisas sobre Brasil Colonial e Contemporâneo, na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), na França, e autora do livro *Justa*, Aracy foi uma pessoa “corajosa,

não só pelo salvamento”, mas, também, pelo aspecto de, ainda com 26 anos, num “Brasil tão provinciano e misógino dos anos 1930, se desquita, vira as costas e vai embora para a Alemanha com um menino de cinco anos. Tenta se virar e ganhar a vida sozinha, se adapta” (ARAÚJO, 2020, n. p.).

2.3 Significado social, cultural e histórico da criação da série

O professor Helder Cyrelli de Souza (2006), em sua dissertação de mestrado, aborda, através da perspectiva do historiador Eric Hobsbawn, a noção de que os selos postais são um dos principais meios que o Estado moderno possui para propiciar a difusão das tradições nacionais. Assim, é uma ponte para se entender a elaboração da História oficial. Em determinado momento da pesquisa, o professor cita que as “campanhas, projetos e realizações dos governos militares são outra marca dos selos postais emitidos durante a década de 1970 e início da seguinte” (SOUZA, 2006, p. 198). O selo postal possui uma longa trajetória desde seu lançamento no Brasil em 1843, mas, especialmente após a década de 70, houve uma mudança quantitativa e qualitativa, pois se pode observar nos selos “além do usual registro da História tradicional, [...] outras representações do passado, como a cultura popular e o folclore, além da propaganda das realizações governamentais [...]” (SOUZA, 2006, p. 5). Ou seja, as representações nos selos postais possuem um peso histórico, não são em vão, relatam o presente do seu tempo e podem retratar o que a história oficial deseja contar. A verificação de uma série histórica, delimitada em uma longa duração, pode evidenciar diferentes contextos políticos, sociais e culturais vividos pelos países, mostrando que assuntos antes ignorados ou proibidos em contextos autoritários, por exemplo, podem vir à tona em contextos mais democráticos e nos quais se discutam mais questões antes não consideradas relevantes para a sociedade em uma visão tradicionalista.

As seis mulheres notáveis, escolhidas para serem representadas nos selos postais da série especial, em 2019, no Brasil, possuem histórias de vida diferentes, enfrentaram obstáculos diferentes e pertenceram a momentos diversos da história brasileira. Mulheres com desempenho excepcional dentro da sociedade, produtoras de uma cultura legitimamente brasileira e que foram atuantes dentro da história de seu país. Toda essa pluralidade em mulheres brilhantes gera um pensamento sobre a identidade histórica feminina brasileira, como multifacetada, pujante em cores, em formas e em capacidades. Mas, principalmente, a abordagem dessa temática demonstra uma mudança no histórico dos selos postais brasileiros. Essa mudança ocorre sobretudo devido aos avanços da sociedade, que tem se atentado cada vez mais às

histórias femininas, aos problemas e aos desafios de lembrar e relembrar mulheres que nem sempre foram aceitas e ouvidas, tanto pela história oficial quanto por própria população.

O feminismo, como movimento social visível, tem vivido algumas “ondas”. O feminismo de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos — como o de votar e ser eleita —, nos direitos sociais e econômicos — como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. O feminismo chamado de “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado — entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele momento, uma das palavras de ordem era: “o privado é político” (PEDRO, 2005, p. 79).

É possível ler no artigo de Rachel Soihet e Joana Maria Pedro para a *Revista Brasileira de História* (2007) que, junto à erupção do feminismo, as transformações na historiografia “a partir de fins da década de 1960, tiveram papel decisivo no processo em que as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da História, marcando a emergência da História das mulheres” (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 285). O movimento da História das Mulheres se desencadeou nos Estados Unidos, mas em outras partes do mundo também foi possível presenciar ações nos anos que seguiram, demandando informações em relação aos assuntos discutidos.

Também no Brasil, esses estudos se apresentaram ainda na década de 1970. Assim, em julho de 1975, o jornal alternativo *Opinião* noticiava o elevado número de pesquisas sobre as mulheres brasileiras apresentadas na XXVII Reunião da SBPC, realizada em Belo Horizonte. O mesmo jornal informa a apresentação de dez comunicações de pesquisa, dois simpósios, uma conferência e duas reuniões extras, surgidas da necessidade de se discutir mais o assunto (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 286).

Ou seja, em décadas anteriores, mas não muito tempo antes, a temática da História das Mulheres teve uma explosão. Agora, tantos anos depois, é possível ver essa série de selos postais homenageando algumas mulheres com papel importante na história brasileira. Isso mostra como a representatividade feminina tem ganhado força ao longo do tempo. São várias as mudanças históricas que ocorrem de forma simultânea: mudanças na forma como um assunto é abordado, mudanças na forma como a sociedade convive. A maior parte dessas transformações podem levar anos, décadas e até mesmo séculos para se desenrolarem em algo plenamente visível.

Entre as historiadoras e os historiadores que passaram a seguir a tradição da historiografia dos Annales — que pretendia ampliar o leque de fontes e observar a presença de pessoas comuns —, tornou-se mais fácil escrever uma história que incluísse as mulheres. A proposta do método regressivo de Marc Bloch no seu livro-

testamento “*O ofício do Historiador*”, permite-nos pensar no passado não só pelas questões do presente, como, também, observar outras fontes, além das unicamente oficiais e narrativas. Assim, com os pés plantados no seu tempo, a historiadora ou o historiador que se engaja nesta tradição não poderia ficar alheia (sic) aos movimentos sociais das mulheres em suas múltiplas configurações, nos múltiplos feminismos que, desde meados do século XIX, reivindicavam direitos e o fim das hierarquias baseadas no sexo. Dentro desta perspectiva, um novo estoque de fontes tornou-se possível para a escrita da história. Foi neste sentido que, escrevendo na década de 80 do século XX, Maria Odila Leite da Silva Dias perguntava, em seu livro, que se tornou base para esta nova historiografia, se o que tornava difícil a história das mulheres era a ausência de fontes ou a invisibilidade ideológica destas. E a proposta era a de buscar as minúcias, de ler nas entrelinhas, de garimpar o metal precioso das fontes em meio a abundante cascalho. Tem sido desta forma que inúmeras pessoas têm escrito a história das mulheres (PEDRO, 2005, p. 85).

Portanto, a criação dessa série de selos postais em 2019, *Mulheres Brasileiras que Fizeram História*, é de grande significado social, cultural e histórico.

2.4 Metodologia

Como fundamentação metodológica para este artigo, foi utilizada a pesquisa bibliográfica. Realizou-se a pesquisa em livros físicos e digitais, revistas, artigos científicos, teses e dissertações diversas. Logo, houve uma abordagem qualitativa. “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (CÓRDOVA; SILVEIRA, 2009, p. 31). Quanto à modalidade, ela é de cunho exploratório, pois pesquisas exploratórias buscam um maior conhecimento do pesquisador sobre o tema explorado, “que pode ser construído com base em hipóteses ou intuições. Os assuntos [...] geralmente, são pouco conhecidos e, por isto, este tipo de pesquisa costuma envolver levantamentos bibliográficos, citações e exemplos” (TUMELERO, 2019, [n. p.]).

3 Considerações finais

A memória é uma elaboração que responde aos questionamentos e demandas do presente. A série de selos foi escolhida com base em um recorte; logo, foi elaborado um conjunto de memórias que responderam a uma demanda, construída por um órgão administrativo que entendeu que as pessoas ali representadas se enquadram como “mulheres brasileiras que fizeram história”.

Elas representam a identidade precisa de todo o agrupamento histórico feminino brasileiro? Não, seria ingenuidade dizer que sim. Não foi identificada uma professora nessa série de selos, por exemplo. Mas, é possível dizer que elas refletem em muitos aspectos a

diversidade de mulheres brasileiras contemporâneas e muitas das questões que elas ainda vivenciam (tendo em vista os pontos de suas trajetórias citados anteriormente e que estão cada vez mais na superfície das discussões da nossa atualidade com relação à História das Mulheres e as lutas femininas).

Trazer essas figuras femininas para uma série de selos reacende debates, acende análises, constrói uma nova identidade feminina histórica brasileira — por mais que não seja completa —, e deixa vestígio ao longo do tempo para um dia, lá na frente, alguém olhar para trás e ver o que possivelmente no século XXI se compreendia como “mulheres brasileiras que fizeram história”. Com essa série e com essa reflexão, essas mulheres ficaram eternizadas em um tipo de objeto, o selo, que guardará suas memórias para a posteridade, o que aponta, portanto, uma produção de memória e fonte para a história.

Referências

ALMEIDA, C. H. Cinebiografia mostra como Hebe foi perseguida na TV e desafiou a ditadura. **UOL**, Rio Grande do Sul, 26 ago. 2019. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/08/26/cinebiografia-sobre-hebe-mostra-como-apresentadora-bateu-de-frente-com-ditadura.htm>. Acesso em: 21 jul. 2022.

ALTMAN, M. Hoje na História: 1840 – Selo postal é criado em Londres. **OperaMundi**, São Paulo, 06 mai. 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/28726/hoje-na-historia-1840-selo-postal-e-criado-em-londres>. Acesso em: 21 jul. 2022.

ARAÚJO, L. A. Anjo de Hamburgo: a brasileira que salvou judeus do nazismo ao conceder vistos para o Brasil e inspira série de TV. **BBC News Brasil**, Porto Alegre, 11 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53698746>. Acesso em: 21 jul. 2022.

CÓRDOVA, F. P.; SILVEIRA, D. T. **A pesquisa científica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2022.

CORREIOS. **Portaria n.º 2.014/SEI-MCOM**, de 17 de fevereiro de 2021. Estabelece os critérios e os procedimentos para elaboração do Programa Selos Postais — PSP, da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos — ECT. Brasília: Ministério das Comunicações, 2021. Disponível em: https://blog.correios.com.br/filatelia/?page_id=5713. Acesso em: 21 jul. 2022.

COSTA, V. Carolina Maria de Jesus: eterna. **SESC**, Rio de Janeiro, 03 jun. 2020. Disponível em: <https://www.sesc.org.br/noticias/cultura/carolina-maria-de-jesus-eterna/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

ELZA Soares. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa359516/elza-soares>. Acesso em: 21 jul. 2022. Verbete da Enciclopédia.

FONSECA, M. L. T. A. Lançamento/Mulheres Brasileiras que Fizeram História – Aracy de Carvalho Guimarães Rosa. **Sociedade Filatélica Paulista**, São Paulo, 09 dez. 2019a. Disponível em: <https://www.sppaulista.com.br/post/lan%C3%A7amento-mulheres-brasileiras-que-fizeram-hist%C3%B3ria-aracy-de-carvalho-guimar%C3%A3es-rosa>. Acesso em: 21 jul. 2022.

FONSECA, M. L. T. A. Lançamento/Mulheres Brasileiras que Fizeram História — Hortência. **Sociedade Filatélica Paulista**, São Paulo, 15 ago. 2019b. Disponível em: <https://www.sppaulista.com.br/post/lan%C3%A7amento-mulheres-brasileiras-que-fizeram-hist%C3%B3ria-hort%C3%Aancia>. Acesso em: 21 jul. 2022.

FONTOURA, A. **Teoria da história**. Curitiba: InterSaberes, 2016.

FRIZZO, F. **Uma história do pensamento histórico do século XIX**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

HORTÊNCIA FAZ 60 anos: relembre a trajetória de conquistas e marcas da Rainha do basquete brasileiro. **Globo Esporte**, São Paulo/Rio de Janeiro, 23 set. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/basquete/noticia/hortencia-faz-60-anos-relembre-a-trajetoria-de-conquistas-e-marcas-da-rainha-do-basquete-brasileiro.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MACIEL, N. Biografia de Elza Soares traz fatos trágicos, carreira e relacionamentos. **Correio Braziliense**, Brasília, 10 dez. 2018. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/12/10/interna_diversao_arte,724127/biografia-de-elza-soares-traz-fatos-tragicos-carreira-e-relacionament.shtml. Acesso em: 21 jul. 2022.

MARASCIULO, M. Quem foi Carolina Marida de Jesus, que completaria 105 anos em março. **Revista Galileu**, São Paulo, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/03/quem-foi-carolina-maria-de-jesus-que-completaria-105-anos-em-marco.html>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MARCZAL, E. S. **Introdução à historiografia**: da abordagem tradicional às perspectivas pós-modernas. Curitiba: InterSaberes, 2016.

MARQUEZ, F. Hebe Camargo é homenageada na série Mulheres Brasileiras que Fizeram História. **Diário do Poder**, [s. l.], 19 set. 2019. Disponível em: <https://diariodopoder.com.br/brasil-e-regioes/hebe-camargo-e-homenageada-na-serie-mulheres-brasileiras-que-fizeram-historia>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MARTÍN, M. Elza Soares: “A mulher está sendo violentada de todos os jeitos”. **El País**, Rio de Janeiro, 28 out. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/28/cultura/1445997545_661801.html. Acesso em: 21 jul. 2022.

MICHELETTI, M. J. Hortência. A rainha do basquete. **Terceiro Tempo**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/hortencia-4094>. Acesso em: 21 jul. 2022.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História (São Paulo)**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2022.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2022.

QUEM É Maria da Penha. **Instituto Maria da Penha**, Fortaleza/Recife, 2018. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SALCEDO, D. A. **A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/3624/1/arquivo94_1.pdf. Acesso em: 22 jul. 2022.

SANTOS, R. O. **Fundamentos da pesquisa histórica**. Curitiba: InterSaberes, 2016.

SCARPIM, F. A.; TREVISAN, M. B. **História e memória: diálogos e tensões**. 1. ed. Curitiba: InterSaberes, 2018.

SCOTT, D. Stamp semiotics: reading ideological messages in philatelic signs. *In*: RAUCH, Irmengard; CARR, Geral F. (ed.). **Semiotics around the world: synthesis and diversity**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

SOIHET, R.; PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWCC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SOUZA, H. C. **Os cartões de visita do Estado**. A emissão de selos postais e a ditadura militar brasileira. 2006. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15006>. Acesso em: 21 jul. 2022.

TUMELERO, N. Pesquisa exploratória: conceito, características e aplicação em 4 passos. **Blog Mettzer**. [S. l.], 03 abr. 2019. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/pesquisa-exploratoria/#Pesquisa-exploratoria>. Acesso em: 21 jul. 2022.